

no açúcar
da tarde

CARLOS NEPOMUCENO

Apresentação do poeta

Em seu livro de estréia, *No açúcar da tarde*, a grande preocupação de Carlos Nepomuceno parece ser a necessidade de transmitir ao leitor, com transparência, seu percurso entre a esfera vivida, observada ou imaginada e o anel poético que a envolve. Em um metapoema, quando a arte toma consciência de si, diz o poeta: “O verdadeiro poema / não tem casca de vaidade / nem caroço de barulhos. // É sabor em fruta, / espremido: suco.”

É essencialmente esta a tônica de uma poesia que tem como missão não se perder em preciosismos formais, prescindindo a maioria dos poemas do aparato alegórico e de demonstrações de virtuosismo com a camada sonora do texto. Carlos tem todo o instrumental para compor nessa órbita, como podemos observar na segunda estrofe do poema “Poleiro do Tempo”: “O galo dos séculos / poussa seu relógio / sobre a cidade / ainda tonta de mortos.” Mas o poeta tende a trabalhar com enunciados translúcidos em que a comunicação incita mais facilmente o eco humano do leitor.

Apesar de predominar o lirismo econômico que muitas vezes lembra o dos mestres Manuel Bandeira e Mário Quintana – leiam-se, especialmente, poemas como “Pombo Morto”, “Banho” e “Árvore”, há peças que sulcam instâncias do narrativo e do dramático, como podemos observar em “Maternidade”, “Lua”, “Poema Longo” e “Sons Urbanos”, em que a linguagem se aventura, *lirificando* pequenos enredos e personagens.

Outros elementos a sublinhar são o memorialismo poético (“Minha Rua”), o humor desconcertante, a incursão pela poesia experimental e, sobretudo, pela poesia engajada.

Humor encontramos no excelente “A Morte do Internauta” e em outros poemas que *pinçam* no leitor farpas da realidade. Isso ocorre concentradamente em um único verso que funciona como uma descarga elétrica (“Conclusões tardias” e “Malvada”), ou espalhando-se em todo o território do texto (“Proposta de Casamento”). Domínio da arte poética também é encontrado em peças como “Varal do Verão”, em que, inspirado no cânone concretista, explora a camada ótica do texto, ampliando a significação da mensagem com palavras que, fragmentadas, vão *pingando* até um verso linear que resume o sentimento que rege o poema.

Já no onomatopaico “Cantiga de Ninar”, o poeta mostra sua facilidade para dar um tratamento especial à camada fônica, sublinhando a força de sua poesia: a crítica aos aspectos nocivos de nossa sociedade e mundo.

Carlos Nepomuceno envereda, conseguindo bons resultados, por uma vertente que hoje em dia não está muito destacada, a vertente social, cujo maior representante na atualidade é o poeta Ferreira Gullar.

Trata-se de uma vereda difícil, mas o autor consegue conciliar mensagem político-social com compromisso estético, coisa rara em nossa poesia, conseguindo bons resultados em “Lembrança”, “Patrimônio”, “Na Baixada do Tapete” e outros poemas em que o trágico, o assustador ou o grotesco são batizados, sublinhados, criticados, descortinando uma realidade não estranha ao leitor, mas que toma corpo tendo a poesia como veículo conscientizador.

Em *No açúcar da tarde*, como frisamos no início, com seu registro em céu azul, sem se perder nas nebulosas imagísticas ou no perigoso embalo do excesso de jogos sonoros, Carlos demonstra como o poético é uma entonação particular da linguagem do mundo e alcança seu máximo propósito: acordar a emoção.

Rita Moutinho

Para Shirlei e meus filhos Jonas, Rodrigo e Nina.

Agradecimentos

Aos pais, pelos tijolos
À família, pelo cimento
Aos amigos, pela pintura
E à vida, pelos retoques constantes

Em especial: Suzana Vargas e Rita Moutinho pelas oficinas e toques. Ao grupo Letra Itinerante pelas críticas e incentivo. Michael Bieler e Jonas Zonis Nepomuceno pela ajuda na seleção dos poemas.

Sumário

13	Ela de Azul
15	Paradoxo
17	Coletivo
19	Pássaros de bambu
21	Gotas
23	Exposição de fotos
25	Poleiro do tempo
27	Maternidade
29	Pra não dizer que não fui ecológico
31	Banho
33	Eterno
35	Malvada
37	A morte do Internauta
39	Lua
41	Minha Rua
43	Cabelo Branco
45	Exposição de fotos
47	Cantiga de Ninar
49	Poema longo
51	Árvore
53	Debaixo da Marquise
55	Manchas
57	Surpresa
59	Sexta
61	Pedaço
63	Varal de verão
65	Doença
67	Proposta de casamento
69	Pedaço de suicídio
71	Memórias de meio-fio
73	Lembrança
75	Gotas
77	No açúcar da tarde
79	Perda
81	Chat
83	Pombo morto
85	Enjaulada
87	Conclusões tardias
89	Patrimônio
91	Sons urbanos
95	Na Baixada do tapete

Ela de Azul

o vestido
se move
azul

lá vai ela
decotada

quase mar
quase nua
quase nada
quase rua

rasa
(de desejos)

nuvem
(que flutua)

brisa
perna
vento
ombro
suspiro
seio

devia ser crime
sair assim
a deixar o outro
em cativeiro.

Paradoxo

dorme
o poeta

(o suicida
o mendigo
o facínora
o terrorista)

aqui
ou em outro
alguém

e basta

a flor
a perda
o beijo
o desamor

para acordá-lo.

Coletivo

Um revólver,
uma bala,
um assalto,

o resto é ônibus.

Pássaros de bambu

Lá, bem lá no alto,
no azul dos urubus,
junto aos pingos da cidade,
se escondem sem idade
os pássaros de bambu.

Bem no alto,
no ponto final da fantasia,
na rabiola da criança,
cruza o cerol da poesia
com a linha da lembrança.

Voa papagaio, voa,
voa sem preocupação
brincadeira de menino
bandeira de domingo
pedaço de verão.

Gotas

Cada segundo
sem susto
distráído

é perdido

na rotina
da torneira...

Exposição de fotos

(a João Roberto Ripper)

O fotógrafo sobrevoa

– com olhos de 400 asas –

a alma de um povo

que só a ele

concede o direito

de revelá-la.

Poleiro do tempo

Finda a batalha,
o sol crava na noite tombada
a espada do horizonte
ensangüentada de dia.

O galo dos séculos
pousa seu relógio
sobre a cidade
ainda tonta de mortos.

O grito do tempo
desperta
mais uma vez
Napoleões e Severinos.

A vida é um canto
que os homens
não conseguem escutar.

Maternidade

Sob os holofotes
do palco das maternidades,
uma mãe se contorce.

A criança, pingo de susto,
nem rompeu a barreira de peles,
pêlos, do mundo.

O médico não tocou a cabeça,
braços, pernas ou disse: “é perfeita”.

Nada ainda aconteceu no terceiro andar
do hospital em Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil,
mas tudo está escrito.

O grito que poderia ser o mesmo na Índia,
Paquistão, Noruega, Dinamarca,
Estados Unidos, ou mesmo no Japão,
será em vão.

A criança ainda nem é nome, fralda, chupeta ou
mamadeira.

E mesmo feto, prematuro, óvulo, esperma.

Ou ainda foda, beijo, olhar.

Hebréia, grega, helênica, das cavernas.

Ou mesmo que nascesse no exato momento
em que o homem olhou o mastodonte e se viu:
diferente e finito.

Talvez aí, mas agora é tarde:
o médico sai da sala e diz esbaforido:
“é homem!”.

O julgamento já foi feito:
estamos todos condenados à morte.

Pra não dizer que não fui ecológico

Samambaia de plástico,
Sterilair puro
Carpete verde-floresta.

Mato de antenas
Pára-lumes
Vaga-raios
Pradarias
Tetas CCPL.
(plásticas)

Pássaros com hélices
E uma placa,
baleada,
sem certeza:

”Presevem a natureza”.

Banho

A moça toma banho de sol.

Mal sabe ela,
que o sol,
- macho que é -
toma banho de moça.

Eterno

Praça,
que praça,
quantas praças
cabem no poema?

Quantas traças
devoram a cidade,
bicicletas, tombo,
beijo, estátuas?

O que deveria ser eterno:

passa....

Malvada

Molhada,
me espalhas
cotidianamente
nos vértices do teu corpo.

Sonho em espuma
me desfaço
me esbaldo a valer.

Depois o de sempre:

chuveiro, água,
azulejo e o ralo.

Vida de sabonete é difícil!

A morte do Internauta

Quando por fim
o Windows disser que posso
ser desligado com segurança.

Farei o upload deste meu
html cansado
e deitarei na minha última URL.

Aos amigos peço apenas:
não esqueçam de abrir a sala
de chat no velório,
e na lápide digitar:
"eis aqui a sua última versão".

Ah, e repassem meus e-mails para:
nepo@saojoabatista.org.br.

Lua

Ar surdo,
pólvora seca,
silêncio
e corpos esparramados.

Juanito moribundo
será cadáver
(e sabe disto!)

De costas para o planeta
sem pé, vislumbra a noite.

A lua é um prato de mingau:
“Vem comer
meu filho!”

A guerra,
este acúmulo
de ossos, dentes,
cabelos, barro,
está finda.

Malvinas,
Vietnã,
Segunda,
Primeira,
Paraguai,
Tróia...

ali,
nos olhos
do menino.

Alguém lucra,
outro decreta,
e muitos tombam.

No charco,
estendido
Juanito agoniza.

A coruja
pia indiferente.

Coisa ridícula
o ser humano!

Minha Rua

(à minha mãe)

Ai que saudades que tenho...
Daquelas tardes compridas
do edifício, bermuda
dos peixes de gasolina
daquele rio de água muda...

Daquele pedaço de rua
botões, galalite com talco
domingo, cheiro de palco
filme em ritmo de aventura.

Triângulo, bola de gude
pêra, uva e maçã
sagu, leite no bule
no rádio, Maracanã.

Onde andas Casimiro?
Que borboleta te levou?
És acaso livro perdido?
A casa que desabou?

Estás ali naquele beco?
No vão de um balanço?

Dentro do uniforme azul?
Ou atrás de algum santo?

Ó... correnteza dos dias
que fizeste nesta rua?
levaste toda fantasia
deixaste a cidade nua?

Ingrata doença moderna
assadura em Kaladril
sarampo, tifo, rubéola
epidemia pelo Brasil.

Passaste chuva ligeira
vento, japona, galocha
cinema é financeira
teatro, porta de loja.

Roubaste lama do beco
o cheiro da padaria;
da galeria, o letreiro
da persiana, o meio-dia.

Ó... triste sanha de bronco
de tudo foste capaz
mataste o canto dos sonhos
que os anos não trazem mais...

Cabelo Branco

A cidade, em menopausa,
sofria de calores súbitos
o espelho turco
arrotou um pêlo branco
suspenso no queixo:
fio de pipa?
de telefone?
de tensão?
a platino plus
decepa o mal pela raiz
a pia sinuosa tudo puxa
e a Cedae se encarrega do resto.

Exposição de fotos

(a João Roberto Ripper)

O fotógrafo sobrevoa
– com olhos de 400 asas –
a alma de um povo
que só a ele
concede o direito
de revelá-la.

Cantiga de Ninar

(Aos meninos Rocinha)

fal fal fal
usi si
trinta e ô
oito ô

fal fal fal
grana dá
escope
tá tá tá

fal fal fal
grito, ô
au au au
longe cão

sim sim sim
a ciga
rra há há a

teto ô
sono ô
o guri

já dormiu.

Poema longo

Longo é o susto
no buraco do mundo,
e o espanto:

pater,
português,
spiritus sanctus!

Comprida é a perda,
a rua errada, não ter desejo,
corrente de bicicleta,
a pá esquecida na praia.

Extensa, a falta, a aula,
a vela, o além,
e o avô:

atropelado
(e sem rima).

Prolongadas são as tardes,
as sombras, as casas
os sons, as missas,
os cães, as mães,
e as bisnagas.

Dilatadas a garagem,
escorrega, curva
castigo, muro,
rabiola, mentira,
doença, propaganda
e a ditadura.

Saia, cinto,
sonho, pau,
pique, ditado
unha, long-play.

Chuva de sábado,
macarrão na colher
cobertor no varal,
todas as culpas
o dicionário
e a história.

Curta é a vida:
nossa memória.

Árvore

Como pode a tarde
de folhas, pássaros
e até sombra
desconfiar?

Vai virar prédio !

Debaixo da Marquise

no meio fio da avenida naquele canto
com aquele canto de todo dia
de todo

a moça passa
 o guarda bate
a crente chora
 a criança pede
o cachorro lambe
no canto o mendigo
e a ferida
bebem toda a cidade.

Manchas

Fui sol de meio-dia
quente e sem sombra.

Agora: mancha,
verruga e até câncer de pele.

Chega!

Chame a dermatologista,
me raspe
e acabe logo com isso!

Surpresa

A tarde de calças curtas
vista por baixo
é do tamanho de um edifício
picotada de persianas
e figurinhas no bolso.

Ali naquela parte
- entre o almoço e a janta -
(onde os anos jogam bola)
soube por um amigo:
“todo mundo morre”!

Eu, minha mãe e ele também.

Perplexo,
esperei a noite
e no vão
entre a gangorra e o balanço
bem perto do canteiro,
(no jardim)
enterrei o meu sonho de eternidade.

Sexta

Tulipas decolam
borboletas
(de colarinho)
florescem

A sexta
no centro da cidade
é cascata
e bate impiedosa
nas pedras do fim de
semana.

Os homens se lamentam
e o sorriso fluorescente
dos edifícios
aguarda paciente
a segunda-feira imutável.

Pedaço

O verdadeiro poema
não tem casca de vaidade,
nem caroço de barulhos.

É sabor em fruta,
espremido: suco.

Varal de verão

O sol

su ga toa bi ni
n lha qui nho
 de ni
 ba

nho

 mil gotas
gotas mil
 pro
 r
 a
 l
 o

com saudade de praia...

Doença

Não, não me venham com termômetro
ou mão na testa:
a febre é de berço e permanente.

É filha do susto da finitude dos homens,
em que em alguns
infecciona.

Proposta de casamento

Dois Cream Crackers
quando se juntam
em Dorianas
não colam
como um pão careca
deixam brechas
ecos, ocos
o amor contigo
deveria ser assim:
sanduíche
de biscoito.

Pedaço de suicídio

UMA PONTE DO TAMANHO DE UM BONDE

concretos de dúvidas concretos de dúvidas
concretos de dúvidas

e no mar: eu avance ou recue,
o coração cai como granada

Memórias de meio-fio

O que une os Aguiar
na cidade do Rio
não é o calor,
o casamento,
o filho,
o amor.

O que une os Aguiar
na cidade do Rio
é um assalto,
cinco tiros,
a culpa,
o medo,
e a dor.

Lembrança

Garcia Lorca
sem cova

Victor Jara
sem mãos

Geraldo Vandré
sem flores

A ditadura é amnésia

a poesia,

memória.

Gotas

Cada segundo
sem susto
distráido

é perdido

na rotina
da torneira...

No açúcar da tarde

Migram
formigas
na pia.

Eu,
um Deus
de cozinha,
que faço:

mato?
perdôo?
O apartamento
está cheio
e vazio.

E lá...

antenas,
nuvens,
buracos:

negro,
ozônio,
Via Láctea.

Será que
alguém,
como eu,
hesita?

Perda

A terra neurótica
repete voltas
- perdida.

É um pingo
na periferia da manhã
na Via Láctea.

Um carro frea
Um cachorro urina
e talvez
alguém namore
na esquina.

(que importa?)

Nada altera
o câncer
a dor
e a falta do sorriso
(agora)
maior que o Universo.

Chat

Do outro lado?

contos?

lenda?

tela?

pontos?

De onde teclas?

De Marte?

Do Rio?

Do frio?

Do fio?

És alta?

Separada?

Baixa?

Casada?

Tens barriga?

O que és?

Enigma?

Ele? Ela?

Um espelho

ou uma janela?

Pombo morto

A revoada é finda
o sonho de milho
ventos e filhos
está ali
(no asfalto)
esmigalhado.

Enjaulada

por todos os poros
portas
porteiros
zoológica
em grades

agoniza
a cidade.

Conclusões tardias

Para o atropelado, o ônibus era um muro que andava

Patrimônio

O forte era forte
mais caído que tombado,
sem sorte, com mato.

Diante da amnésia nacional,
é fraco.

Sons urbanos

A árvore
na calçada
do Rio Comprido
rompe raízes.

A cidade,
em pele,
se abre
em fendas,
buracos,
varizes.

As folhas
no vazio
e as crianças
brincam
na tarde.

A árvore
ignora
o departamento
de Parque e Jardins
e a rua parte.

Muda,
a rebelião
segue
em memória
de árvores
antepassadas,
carvão
ou papel,
viradas.

Os poetas,
feito árvores,
solidários,
ardem
e, no papel,
memória de árvore,
escrevem.

II

O mar em hálito
fresco,
vento de cidade,
atravessa gargantas
(de morros
perdidos)

e empestea
noturno
guarda-sóis
do Rio-Comprido.

Eu e o resto
da praia,
em elixir,
suburbana,
sob viadutos
e lençóis,
vamos dormir.

III

O chinês
entrega jornal
no selim,
dominical,
saudades de Pequim,
saudades de Macau.

JB, Globo, Veja,
Isto é, pois é,
o chinês, não vê,
é do povo, almeja,

tem fé, pois é,
é assim, é assim,
por um instante,
o Rio vira Pequim,
assim, assim,
o Rio vira Pequim,
no Globo, talvez,
no JB talvez,
no sonho,
em bicicleta,
do chinês.

Na Baixada do tapete

A cada ano,
morrem
trinta mil,
Baixada
funil.

Apodrecem,
apodrecem
estrada,
enrustida,
guerra civil.

Helicóptero rente
dispara tropical
e doente,
dentes.

Hélice de satã:
Fluminense
Vietnã,
é gente,
no cerol,
caveira,
covas rasas,
sob o sol,

mala de Passat,
pipa sem cabresto,
peixe no anzol.
Pena de morte,
no paralelo
comercial,
filhos da fome,
netos do Amaral,
poeira desovada
sob o tapete tropical.